

Desejo e Poder: Racismo e Violência Estrutural em Comunidades Homossexuais

Por Osmundo Pinho

Neste ensaio¹, gostaria de abordar alguns aspectos da construção de diferentes “mundos” homossexuais interseccionados por variáveis de cor/raça e classe, no sentido de considerar alguns cenários possíveis para a instalação da violência como elemento estruturante das comunidades homossexuais, tanto em suas dimensões internas, quanto nas relações com outros setores e agentes sociais.

Na esfera das homossexualidades, tal consideração deveria ser fortemente informada pelas contradições que as comunidades homossexuais experimentam em torno das diferenças de raça e classe, de modo a que sujeitos homossexuais pudessem reconhecer e explorar determinadas diferenças, interseccionalizadas com outras experiências de identidade e subjetividade: brancos com educação superior de meia-idade; jovens negros trabalhadores manuais; "bichas-pintosas"² moradoras da periferia e assim por adiante.

Cada variação dessa pode representar uma plataforma de identidade e representação de si, que está ancorada nas estruturas sociais que, em outros lugares e contextos, operam em determinado sentido e que ganham nas comunidades homossexuais significados específicos. Desse modo, as observações aqui desenvolvidas não pressupõem identidades sociais já prontas, depositadas em sujeitos autocoerentes. Inversamente, procuro reconhecer o caráter produzido, e mesmo artificioso, das identidades e subjetividades sociais, desenvolvidas em contextos político/culturais complexos, materializados como o teatro de operações para disputas em torno da representação, do reconhecimento e da realização do desejo em ambientes estruturados.

Seria preciso, dessa forma, introduzir uma compreensão sobre as comunidades homossexuais que leve em conta a complexidade e a diversidade dos cenários, performances e representações possíveis em torno, de um lado, dos estilos de vida gays, e de outro, dos expedientes para realização do desejo homossexual que, ao fim e ao cabo, é a *ultima ratio* para estruturação dessas comunidades. Ora, essas diferentes configurações de territorialidade, modos de vida, costumes, vernáculos múltiplos e multiplamente informados por tradições da cultura sexual nacional e por *midiascapes* diversas, ganham coerência provisória na forma de mundos homossexuais, como horizontes de sentido negociados. Esses mundos não são, todavia, monâdas estanques, mas intercomunicáveis e na verdade justamente definidos em suas relações cambiantes.

Cenários, como trechos na praia, boates, parques de pegação (*cruising*), concursos de beleza gay (transformistas) ou do *boy*³ mais bem dotado, configuram vetores de identificação, ambientes de identidade e subjetividade. O meu argumento principal para esse aspecto é de que estes mundos são estruturados tanto internamente, como em sua relação com a sociedade global, por estruturas

de subordinação e empoderamento, que operando diferentemente em outros contextos, produzem nesses cenários situações e performances específicas.

Raça, classe e gênero (gays e lésbicas) são profundamente operativos tanto da constituição dos cenários, como são relevantes para a realização do desejo e a construção de condições de segurança, ou vulnerabilidade, para a violência e a opressão. Por um lado, podemos ver como os recursos disponíveis a homens gays de classe média para construir seus próprios mundos homossexuais são favorecidos, não por sua condição homossexual, mas pelo seu lugar determinado nas estruturas das classes ou no “espectro” racial. Ora, apesar de retirarem privilégios desse posicionamento na estrutura social ampliada, na experiência da homossexualidade essas prerrogativas se manifestam de modo particular e determinado. Tanto para fora, preservando-se em certo sentido da violência estrutural exterior, como para dentro, fazendo valer prerrogativas de raça e classe, hegemonizando nesse sentido, e em seus próprios termos, as comunidades homossexuais.

A cena homossexual parecerá a alguns mais tolerante ou aberta em termos de raça ou classe, um aspecto freqüentemente explicado pelas dimensões das comunidades homossexuais ou por características peculiares a realização do desejo homossexual. Entretanto, a convivência de homens gays de classes, raças, posições sociais e mesmo estilos de vida diferentes, significa igualdade ou simetria? Não podemos recair aqui no erro já superado pela sociologia das relações raciais, que a princípio não entendia que proximidade e mesmo intimidade não significava ausência de dominação e violência, pelo contrário a constituía.

Os modos de organização das comunidades homossexuais parecem combinar justamente uma atração entre os desiguais como uma estratégia onde diferentes *handicaps* parecem se compensar numa busca frenética pela maximização do gozo. Em ambientes mais modernos, a monetarização das relações parece mais evidente e despudorada. O avanço do capital dissolve todos os véus e o que em contextos tradicionais parece encoberto pela etiqueta do costume ou das convenções de hierarquia e deferência, na modernidade bárbara em que nos afogamos surge como uma transação límpida e cristalina. No altar do desejo e do poder todos os idealismos devem ser, assim, sacrificados.

De modo que a desigualdade, como uma forma de violência estrutural, cria as condições de existência para as comunidades homossexuais e para a interação entre os diversos mundos homossexuais. Espaços de convivência entre iguais também são criados - plenos de rituais de renovação dessas igualdades - e se mantém, mas são constantemente interseccionados por outros mundos de desigualdade e opressão. Esta violência estrutural está realizada tanto como um constrangimento externo, sintetizado na norma heterossexista e na homofobia, como num movimento interno, presente nos abusos recorrentes de poder econômico ou simbólico. De modo que, para fora o racismo e a homofobia elegem homens gays - brancos e negros de modos diferenciados - como vítimas legítimas

da violência. Para dentro, esses sistemas discriminatórios operam vulnerabilizando diferentes setores das comunidades e criando uma “solidariedade” na desigualdade, que enfraquece politicamente a comunidade, desempoderando os setores subalternizados interiores a ela e criando condições para reprodução, sob as condições específicas ao meio, das desigualdades, da opressão e da subordinação.

BIBLIOGRAFIA

- ALEXANDER, Claire. Black Masculinity. In. OWUSU, Kwesi. Black British Culture and Society. A text Reader. London and New York. Routledge. 2000. Pp.373-384..
- BUTLER, Judith. Subversive Bodily Acts. In Gender Trouble. Feminism and The Subversion of Identity. New York / London. Routledge. Pp. 79-149.
- CALDWELL, Kia Lilly. Fronteiras da Diferença: Raça e Mulher no Brasil. Estudos Feministas. Vol. 8 No. 2/2000. Pp. 91-108.
- CASTRO, Mary Garcia. Alquimia das Categorias Sociais na Produção de Sujeitos Políticos : Gênero, Raça e Geração entre Líderes do Sindicato de Trabalhadores Domésticos em Salvador. Estudos Feministas. No. 0/92. Pp. 57-74.
- CORNWALL, Andrea & LINDSFARNE, Nancy. Dislocating Masculinity: gender, power and anthropology. IN CORNWALL, Andrea & LINDSFARNE, Nancy (Eds.) Dislocating Masculinity . Comparative Ethnographies. London and New York. Routledge. 1994. Pp. 11-47.
- CRENSHAW, Kimberlé W. The Intersection of Race and Gender. In. Critical Race Theory: The Key Writings that Formed the Movement. 1995.
- FRY, Peter. Da Hierarquia à Igualdade: A Construção Histórica da Homossexualidade no Brasil. IN Pra Inglês Ver. Zahar Editores, Rio de Janeiro.1982.
- GIRALDO, Fernando Urrea & QUÍLEZ, Pedro Quintín. Modelos y Fisuras de la Masculinidad entre jóvenes negros de sectores populares en la ciudad de Cali. In Relaciones Interraciales, Sociabilidades Masculinas Juveniles y Segregación Laboral de la Población Afrocolombiana en Cali. Documentos de Trabajo 49. Cidse. Universidad Del Valle. Cali. 2000. pp. 36-53.
- GONZALES, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. Ciências Sociais Hoje.2 ANPOCS. 1983. Pp. 223-245.
- KIMMEL, Michael. A Produção Simultânea de Masculinidades Hegemônicas e Subalternas. Horizontes Antropológicos. Corpo, Doença e Saúde. UFRGS. No. 9. 1998. Pp. 103-118.
- LEAL, Ondina Fachel. Sexualid e Identidad Masculina: Impasses y Perspectivas de Análisis. In . ____ . Masculinidades e Equidad de Género em América Latina. Flacso/UNFPA.pp. 90-105.
- MACRAE, Edward. Em Defesa do Gueto. Novos Estudos. CEBRAP. vol. 2. n. 1. São Paulo. 1983. pp. 53-60.
- MACRAE, Edward. A Construção da Igualdade. Identidade Sexual e Política no Brasil da “Abertura”. EDUNICAMP, Campinas, .
- MERCER, K. & JULIAN, I. Race, Sexual Politics and Black Masculinity: A Dossier.

- In . ____ . CHAPMAN R. & RUTHERFORD, J. (Eds.). Male Order. Unwrapping Masculinity. London, Lawrence & Wishart, 1988. Pp. 97-164.
- MOTT, Luiz & CERQUEIRA, Marcelo. Assassinato de Homossexuais no Brasil – 2000. In . ____ . Causa Mortis: Homophobia. Violação dos Direitos Humanos no Brasil, 2000. Editora Grupo Gay da Bahia. 2001.
- MUÑOZ, José Esteban. Performing Disidentifications. In . ____ . Disidentifications. Queers of Color and the Performance of Politics. Cultural Studies of America, Volume 2. Minneapolis/London. University of Minnesota Press. 1-34.
- PARKER, Richard & TERTO Jr. Veriano. (Orgs.) Entre Homens. Homossexualidade e AIDS no Brasil. Rio de Janeiro. ABIA. 1998.
- PARKER, Richard. Abaixo do Equador. Culturas do Desejo, Homossexualidade Masculina e Comunidade Gay no Brasil. Rio de Janeiro. Editora Record. 2002.
- PINHO, Osmundo de A. Gay Power: Raça e Classe Construindo Mundos Homossexuais. AIDS & Cidadania Sexual. Salvador. v.0, n.0, p.8 - 9, 2004.
- PINHO, Osmundo de A. A Guerra dos Mundos Homossexuais - resistência e contra-hegemonias de raça e gênero. In . ____ . Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde ed. Rio de Janeiro : Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids, 2004, v.1, p. 01-196.
- PINHO, Osmundo de A. Desejo e História: Relações raciais e a comunidade homossexual. Jornal do Nuances. Porto Alegre. p.01 - 12, 2004.
- PINHO, Osmundo de A. Qual é a identidade do homem negro. Democracia Viva. Rio de Janeiro, p.1 - 76, 2004.

¹ O pano de fundo para o desenvolvimento de algumas questões exploratórias aqui colocadas se refere a uma experiência desenvolvida no curso do ano de 2003. Ganhei no início desse ano uma bolsa do Programa Gênero, Reprodução, Ação e Liderança (GRAL) da Fundação Carlos Chagas/John D. and Catherine T. MacArthur Foundation com um projeto de intervenção social, que foi na verdade uma iniciativa prospectiva que me permitiu, junto a outras pessoas e grupos, colocar e discutir aspectos determinados da problemática política e teórica das masculinidades. O projeto chamou-se "Homem com h: Articulando Subalternidades Masculinas" e propôs-se justamente como um procedimento articulado, voltado para a construção de espaços de interlocução e reflexão crítica em torno das possibilidades de articulação de experiências distintas de masculinidades, consideradas subalternas ou subalternizadas. Quais sejam aquelas de homens afrodescendentes, homens jovens de comunidades populares e homens gays. Além disso, minha experiência de trabalho, coordenado programa de prevenção a HIV/AIDS entre homens que fazem sexo com homens (HSH) em Salvador foi fundamental.

² Consideradas excessivamente efeminadas ou afetadas.

³ Go-go Boy e, usualmente, Escort Boy.

Sobre eu autor

Osmundo Pinho, es antropólogo. Doutor em Ciências Sociais (UNICAMP). Coordenou, no final dos anos 90, o Programa Homo-Bissexuais do Grupo de Apoio à Prevenção a AIDS da Bahia (GAPABA) realizado em Salvador. Foi bolsista no ano de 2003 do Programa Gênero, Reprodução, Ação e Liderança (GRAL) da Fundação Carlos Chagas/John D. and Catherine T. MacArthur Foundation. Ex-Diretor do Centro de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Candido Mendes no Rio de Janeiro. Atualmente é coordenador do Programa Políticas da Cor na Universidade Brasileira, do Laboratório de Políticas Públicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

E-mail: osmundo@politicasdacor.net.